

FACULDADE BATISTA DE MINAS GERAIS - FBMG
Programa de Graduação em Teologia

Matheus Teles Santos

Perspectivas para uma Teologia Negra no Brasil:
A importância de uma teologia negra no atual cenário brasileiro

Belo Horizonte
2021

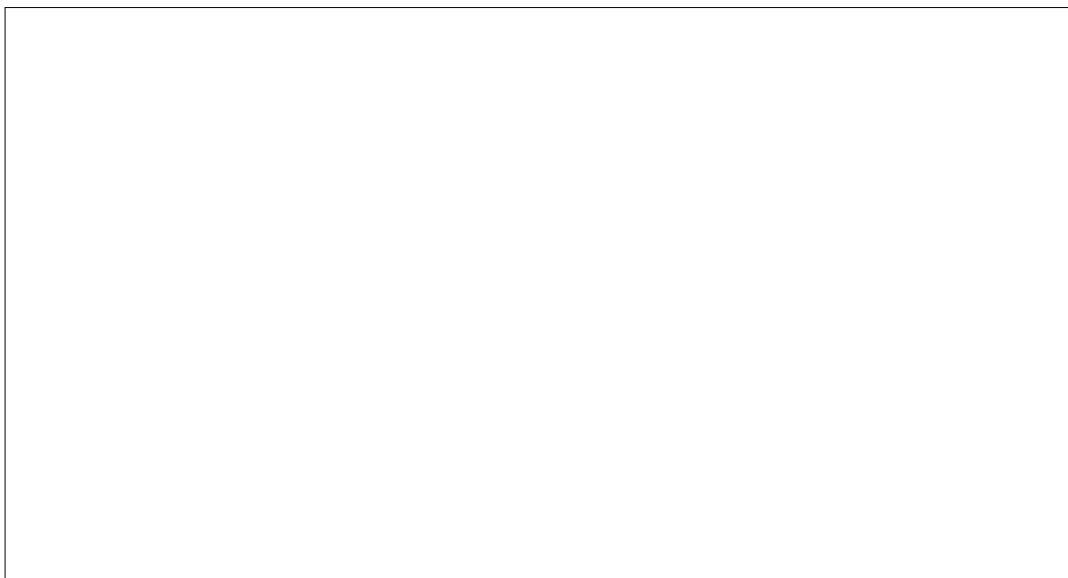
Matheus Teles Santos

Perspectivas para uma Teologia Negra no Brasil:
A importância de uma teologia negra no atual cenário brasileiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Teologia da Faculdade Batista de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Freitas Lopes

Belo Horizonte
2021



Matheus Teles Santos

Perspectivas para uma Teologia Negra no Brasil:
A importância de uma teologia negra no atual cenário brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em (dia) (mês) (ano)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago de Freitas Lopes (Orientador) - STBM

Prof. Examinador 1

Prof. Examinador 2

*Dedico esta monografia aos meus pais, irmãos,
comunidades de fé que passei e ao coletivo
que participo e tanto aprendo, O que tem no Brasil.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, que me sustentou até aqui. Seu poder é real e nunca falha.

Agradeço aos meus pais que confiaram em mim e não desistiram nos dias mais sombrios dessa caminhada. Não estaria aqui sem o apoio, confiança, carinho e amor dispensados a mim.

Aos meus irmãos que, mesmo de longe, se importam e cuidam de mim. Amo vocês com todo o amor do mundo.

Agradeço também cada pessoa que contribuiu com essa monografia, compartilhando seus relatos, investindo tempo em mim e acreditando nesse trabalho. Vocês são uma parte fundamental para que isso desse certo.

Agradeço ao Amnon Lopes, um amigo que perdi durante a pandemia, que me deu a oportunidade de ser voluntário na Juventude Batista Brasileira, e, assim conhecer um dos caras de coração mais amável, carinhosamente chamado de Serginho, a quem também sou imensamente grato.

Agradeço carinhosamente ao coletivo *O que tem no Brasil* que me permitiu conhecer gente que sofre, porém luta pelo mesmo ideal. As palavras de apoio durante essa caminhada foram necessárias e guardadas até aqui.

Por fim, agradeço ao Tiago que disponibilizou tempo, empatia e experiência; e as igrejas que confiaram em mim, em especial Igreja Batista do Parque Granada e a Primeira Igreja Batista em Lagoa Santa, onde pude desenvolver com muito carinho e confiança o trabalho que Deus tem colocado em minhas mãos.

“Se a igreja hoje não resgatar o espírito sacrificial da igreja primitiva, perderá sua autenticidade, trairá a lealdade de milhões e será descartada como um irrelevante clube social sem nenhum sentido para o século XX”

(Martin Luther King Junior)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo cooperar no debate a respeito da escravidão e das formas como opera o racismo na contemporaneidade. Utilizou-se o método de revisão de literatura. Para tanto, consultaram-se os seguintes autores: James Cone, Ronilso Pacheco, Marco Davi de Oliveira e Sérgio Buarque de Holanda. Dividiu-se o texto em três capítulos. O primeiro apresenta definições de racismo. O segundo aborda, de forma sucinta, a história do racismo nos Estados Unidos e no Brasil. O terceiro capítulo apresenta a teologia negra a partir de James Cone. Por fim, a conclusão propõe três contribuições para se pensar uma teologia a partir das vivências negras brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Negritude. Teologia. Racismo. História. James Cone

ABSTRACT

The present work aims objective cooperate in the discussion about slavery and the forms ways in the which racism operate in contemporary times. The method used was a literature review. For that, the works of the following authors were used: James Cone, Ronilso Pacheco, Marco Davi de Oliveira and Sérgio Buarque de Holanda. The work is divided into three chapters. The first chapter presents the definitions of racism. The second chapter approach, succinctly, the history of racism first in the United States, afterwards in the Brazil. The third chapter presents the Black Theology as of James Cone. Lastly, the conclusion suggests three contributions for thinking a theology from of experiences brazilians.

KEYWORDS: Blackness. Theology. Racism. History. James Cone

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. DEFINIÇÕES DE RACISMO	11
2. UMA BREVE HISTÓRIA DO RACISMO NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL	14
2.1 O racismo no contexto dos Estados Unidos	14
2.2 O racismo no Brasil	17
3. A TEOLOGIA NEGRA	19
3.1 Origem	19
3.2 A resposta da teologia negra ao racismo	21
3.3 A liberdade do povo negro	22
3.4 Os impactos de James Cone para se pensar uma teologia negra brasileira	25
CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

A realidade atual tem mostrado que a necessidade de falar sobre a negritude em um contexto eclesial uma vez que a voz e experiência desse grupo fora excluído durante muito tempo em diversos espaços.

A elaboração deste trabalho partiu da consideração de que a Igreja necessita combater o racismo dentro de suas estruturas, e dessa forma, pensar uma outra forma de fazer teologia, que é a partir de uma Teologia Negra.

O título “Perspectivas para uma Teologia Negra no Brasil: a importância de uma teologia negra no atual cenário brasileiro” expressa o que James Cone, organizador da obra *Teologia Negra*, escreve “a subclasse negra e a classe ‘oficial’ branca desempenham os papéis da peça: a luta de um Deus em favor de seus filhos negros e oprimidos” (CONE, 1986, p.8).

A pergunta central que move essa pesquisa é: qual a necessidade de uma teologia negra no contexto das Igrejas brasileiras, que em muitas ocasiões, realça o racismo? Essa pergunta considera o contexto no qual o pesquisador se insere: uma sociedade que, apesar de híbrida desde o início, segundo Gilberto Freyre (2019, p.128), carrega em si como padrão a experiência branca, também dentro das igrejas.

Dessa forma, a principal motivação do presente trabalho é cooperar no debate quanto aos legados da escravidão e as formas como opera o racismo na contemporaneidade.

Como hipótese, há necessidade de pensar uma teologia negra no Brasil para que ela esteja próxima às vivências brasileiras, e ao mesmo tempo se apropriar de colaborações teológicas que são nossas, e não dos Estados Unidos, ou do Caribe, ou da África.

No âmbito acadêmico, a contribuição é entender a importância de uma teologia negra nas ementas curriculares para se ter uma abordagem não só teológica, mas também a experiência a partir de vivências negras.

No âmbito pastoral a contribuição é a necessidade de motivar, ouvir e saber que as experiências a partir da negritude são tão importantes quanto a de povos brancos, pois há um só Espírito atuando na Igreja.

O método escolhido é revisão de literatura. Para tanto, a pesquisa tem por referência a obra *Teologia Negra* (1986) de James H. Cone e Gayraud S. Wilmore; *Teologia Negra – O sopro antirracista do Espírito* (2019) de Ronilso Pacheco; *A Religião Mais Negra do Brasil* (2018) de Marco Davi de Oliveira; e *Raízes do Brasil: Edição crítica – 80 anos [1936 – 2016]* (2016) de Sérgio Buarque de Holanda, além de outros textos que reforçam a leitura dos principais autores.

O trabalho está dividido em 3 capítulos. Após uma introdução, o primeiro capítulo apresenta as definições de racismo tanto histórica, quanto bíblicas. O segundo capítulo descreve, de forma breve, a história da população negra nos Estados Unidos e no Brasil. Já o terceiro capítulo aborda a Teologia Negra, sua origem, conceito e propósito; e também os impactos de James Cone para se pensar uma teologia negra brasileira. A conclusão responde à pergunta central afirmando o compromisso da igreja com os oprimidos.

Espera-se que este trabalho possa contribuir com as vozes e experiências negras brasileiras que, muitas vezes, são silenciadas nas igrejas e academias teológicas. Espera-se também contribuir para uma maior discussão e interesse do tema.

CAPÍTULO 1

DEFINIÇÕES DE RACISMO

*“Racismo é o câncer estrutural
Esse fato não depende da sua opinião
Ou você coopera com essa estrutura
Ou você ajuda na demolição”
(César MC)*

O objetivo deste capítulo é apresentar definições de racismo na perspectiva histórica e bíblica.

1.1 Definições de racismos

Apesar de o racismo ser um fenômeno amplamente discutido e conhecido, há pouca clareza a respeito do tema. À vista disso, é preciso abordar as definições de racismos.

O termo “raça”, sofreu diversos significados, ao remontar história, ainda na Idade Média, de acordo com Bethencourt (2018), foi utilizada como sinônimo de casta, sendo aplicado a plantas e animais. Já no final do período medieval, esse mesmo termo foi empregado para fazer referências às linhagens nobres na Itália e na França.

Quando da contenda entre cristãos e muçulmanos na Península Ibérica, o termo assumiu outra conotação, sendo associado à ideia de impureza de sangue, especialmente no que diz respeito aos judeus e muçulmanos. Posteriormente, durante a expansão ultramarina, a expressão foi utilizada para fazer referência aos nativos africanos e americanos. Na Europa do século XVIII, o termo raça passou a ser utilizado para indicar as variedades do gênero humano e, no século XIX, com as teorias das raças e racialismo científico, tornou-se critério de catalogação das supostas espécies humanas. No final do século XIX e início do século XX, com a emergência do nacionalismo, passou a ser equiparado à ideia de nação. (COLETIVO OCARETÉ, 2019, p.15)

O Doutor Silvio Almeida¹ em sua obra *Racismo Estrutural* (2019, p. 25), da coleção *Feminismos Plurais*, classifica em três as concepções de racismo, o individualista, que representa a relação entre racismo e subjetividade; o institucional, que aborda a relação entre racismo e Estado; e o estrutural, que relaciona o racismo com a economia.

Em uma perspectiva bíblica, o racismo é um atentado não só contra a criação, mas contra o próprio Deus, pois ao criar a humanidade à Sua imagem e semelhança, Ele afirma que todos os seres humanos são iguais em essência e valor (Gênesis 1.27²). Porém, após a queda o homem entrou em conflitos, primeiro consigo e, conseqüentemente, com seu semelhante.

Apesar dos diversos significados assumidos, é possível identificar um padrão: a subdivisão da sociedade em diferentes grupos, que “mantêm entre si uma relação de superioridade/inferioridade” (COLETIVO OCARETÉ, 2019, p.16), o que remete à escravização.

É sabido que desde muito tempo a escravidão está presente na história da humanidade. Ela aconteceu no Egito Antigo, na Babilônia, na Grécia Antiga e na África. Entretanto, segundo Laurentino Gomes (2019) em uma entrevista ao jornal El País – Brasil, a escravização por causa da pele passou a existir quando "colonos europeus levaram à força 12,5 milhões de africanos para a América". Essa escravização de povos africanos apresenta duas novidades, segundo Gomes (2019),

a primeira é a escala industrial, com 12,5 milhões de pessoas embarcadas em cerca de 35 mil viagens de navios negreiros para trabalhar em atividades no Novo Mundo que podem ser consideradas pré-industriais. A segunda característica está no nascimento do racismo: é a primeira vez na história da humanidade que há a associação entre a escravidão e a cor negra da pele. (GOMES, 2019)

O discurso que sustentou toda essa ideologia³ foi, também, religioso, em que os colonizadores - e depois o restante do mundo - afirmava que

¹ Silvio Almeida é “Doutor em Direito pelo Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Universidade de São Paulo. Sua linha de pesquisa segue quatro vertentes 1) Direito, Política e Ideologia; 2) A cidadania modelando o Estado; 3) Direito e Teoria da Regulação; e 4) Direito, Estado e racismo.

² “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (NVI)

³ De acordo com o *Cambridge Dictionary*, *ideologia* é “um conjunto de ideias e crenças”. A partir dessa definição, cabe afirmar que toda teologia é uma ideologia que reúne um conjunto de ideias e crenças, sejam elas conservadoras ou não.

os africanos eram selvagens, bárbaros, pagãos, praticantes de religiões demoníacas, e que, portanto, a melhor coisa que poderia acontecer com o africano era ser escravizado para se incorporar a suposta civilização europeia que se instalava nos trópicos" (GOMES, 2019).

Em 21 de junho de 1967 reuniu-se um Comitê para firmar um dos principais Tratados internacionais em matéria de Direitos Humanos. A Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial visa combater toda e qualquer forma de discriminação racial, tendo como premissa a Declaração Universal dos direitos do Homem, que proclama

que todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos e que todo homem tem todos os direitos estabelecidos na mesma, sem distinção de qualquer espécie e principalmente de raça, cor ou origem nacional" (PLANALTO, 1969)

Entretanto, por ser um elemento trágico da condição humana, o racismo tem deixado suas marcas ao longo do tempo, norteando os relacionamentos e promovendo um padrão social. Mesmo com leis e tratados, pessoas de cor sofrem, ainda que de forma velada, com o preconceito racial, pois

no lugar de dizer que negros não são bem-vindos, criam-se estratégias de não acolhida porque eles (os negros) não se sentiriam bem ou confortáveis em alguns locais. No lugar de se criarem bairros segregados, simplesmente não se mostram todas as opções de compra ou aluguel de imóveis quando os clientes são negros ou solicitam-se aluguéis a um valor inacessível para as populações negras. Na área de empregos, o autor nomeia a existência de uma *smiling face discrimination* (ações feitas com um sorriso discriminatório no rosto) que se soma à frase: "Nós não temos emprego agora, mas, por favor, verifique mais tarde" como forma de negar emprego aos negros. Além disso, as ofertas de emprego são postadas em redes exclusivas. No caso daqueles que conseguem empregos, pagam-se salários menores aos funcionários negros ou oferecem-se a eles posições que não correspondem ao seu nível de formação educacional, ou ocupam-nos em empregos com pouca possibilidade de ascensão (LIMA, 2019, pp.20-21, *apud* SANTOS; NOGUT; MATOS, 2014).

A seguir será abordado como o racismo construiu as relações sociais e quais seus impactos nas sociedades, tanto estadunidense, quanto brasileira.

CAPÍTULO 2

UMA BREVE HISTÓRIA DO RACISMO NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL

"Libertei mil escravos, mas poderia ter libertado mais mil se eles soubessem que eram escravos"
(Harriet Tubman)

O objetivo deste capítulo é apresentar situação nos Estados Unidos e no Brasil sobre o preconceito racial para, posteriormente, compreender a necessidade de pensar uma Teologia Negra.

2.1 O racismo no contexto dos Estados Unidos

Nos Estados Unidos da América (EUA), a Guerra de Secessão⁴ foi um marco na história, porém, após a vitória do Norte, uma parte do Sul dos Estados Unidos se unira com o discurso de que a escravidão era benigna para o melhoramento dos africanos.

Desse ajuntamento surgiram vários grupos segregacionistas, como, por exemplo, a *Ku Klux Klan*⁵ (KKK) que "teria como principal função a manutenção

⁴ De acordo com o BRITANNICA, a Guerra de Secessão – Guerra Civil Americana (*American Civil War*), também chamada de Guerra entre os Estados (*War Between the States*) – aconteceu dos anos 1861-65 entre o Norte (União) e o Sul (Confederados) dos Estados Unidos da América. Havia vários fatores que culminaram a guerra, dentre eles a escravidão, o nacionalismo e a eleição de Abraham Lincoln em 1860, sendo esse último o gatilho final da secessão. Enquanto o Norte rapidamente se modernizava e diversificava, o Sul insistia em manter a agricultura, e consequentemente o trabalho escravo, como gerador da economia. A guerra política teve como desfecho a derrota dos sulistas, cerca de 600 mil mortos e uma disputa não encerrada. "A Causa Perdida do Sul na Guerra de Secessão tornou-se um mito. Seu apelo foi sentido nacionalmente. A defesa dos sulistas era de que lutaram pela soberania dos estados e pela diferença intrínseca entre brancos e negros. Os nortistas logo após o fim da Guerra consideraram que esse direito era inato a todos os americanos." (MOÇO, 2011, p.7)

⁵ "A *Ku Klux Klan* (KKK) nasceu como um subproduto da Guerra Civil americana, iniciada pelos estados do sul do país, inconformados com o fim da escravidão" (GELEDÉS, 2014). Apesar de historiadores se dividirem sobre a natureza da KKK, sabe-se que a principal função dessa irmandade era "a manutenção da supremacia dos brancos" (GELEDÉS, 2014). De acordo com o BRITANNICA, "*its original objective—the restoration of white supremacy throughout the South—had been largely achieved during the 1870s*" (o objetivo original – a restauração da supremacia branca por todo o Sul – tinha sido amplamente alcançado durante a década de 1870. – Tradução livre). Marcados por seus longos camisolões brancos e capuzes, a Klan passou de meros assustadores de negros para assassinos de pessoas negras e apoiadores. O movimento contou com o apoio de pessoas brancas, e teve como parte integrante de seus rituais a bíblia. Apesar de ter o seu declínio em meados de 1981, o movimento ainda se arrasta nos dias atuais.

da supremacia dos brancos – especialmente depois de uma guerra em que os escravos dos antigos senhores eram agora homens livres, capazes de se organizar" (GELEDÉS, 2014). Entretanto, com o passar do tempo, essa irmandade "passou a promover ataques noturnos para matar negros libertos e seus apoiadores brancos".

Sobre a KKK Philip Yancey (2015) afirma,

a ku klux klan exercia uma influencia quase mística sobre nós. Fiz trabalhos escolares sobre isto. Ouvíamos que ela era um exército invisível, a ultima linha de defesa a preservar a pureza cristã do Sul. (YANCEY, 2015, p.30).

Outro marco na história foi a segregação garantida por lei, conhecida como leis Jim Crow⁶. Essas leis garantiam espaços como restaurantes, calçadas, assentos nos ônibus e até igrejas para pessoas brancas.

Esse era o normal em muitas cidades dos Estados Unidos durante a vigência das chamadas leis Jim Crow, que institucionalizaram a segregação racial sob o preceito de que os cidadãos poderiam ser tratados de forma separada, mesmo sendo iguais perante a lei. (GAZETA DO POVO, 2020)

Essas leis propiciaram atos racistas, fazendo com que pessoas negras vivessem sob um jugo de servidão. Yancey (2015) escreve:

O pastor ensinava que a palavra hebraica *cam* significa “queimado”, “preto”, fazendo do filho de Noé o pai de todas as raças negras. Numa maldição imprecada por Noé, Cam deveria ser o mais baixo dos servos (veja Gn 9.18-27). Era isso que eu ouvia quando meu pastor explicava por que os negros eram bons garçons e as negras, boas empregadas domésticas. (YANCEY, 2015, p.40).

Apesar de ter sua história marcada fortemente pelo racismo, há também uma brava luta pela liberdade. Nos Estados Unidos, após a aprovação da 13^a emenda⁷, que abolia escravidão e toda forma de servidão compulsória nos

⁶ “O nome Jim Crow fazia parte do cotidiano dos escravos americanos. Ele era personagem de uma canção popular entre os negros, que foi posteriormente adaptada pelo ator Thomas Rice. Ele também foi responsável pela personificação de Jim Crow, um trapaceiro vestido em roupas rasgadas, sapatos furados e chapéu torto, de fala rápida e irreverente” (GAZETA DO POVO, 2020).

⁷ “EMENDA XXIII - Seção 1 - Não haverá, nos Estados Unidos ou em qualquer lugar sujeito a sua jurisdição, nem escravidão, nem trabalhos forçados, salvo como punição de um crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado.

Seção 2 - O Congresso terá competência para fazer executar este artigo por meio das leis necessárias.” (COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS DA USP)

Estados Unidos, foi levantada a 14^a emenda⁸, que tinha como objetivo ampliar a cidadania estadunidense. E nomes como Rosa Parks, Malcolm X e Martin Luther King Jr. são incessantemente mencionados por serem ícones da luta antirracista, mais precisamente no movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.

O movimento dos direitos civis teve como ápice para seu início Rosa Parks que, por estar cansada, se recusou a dar seu lugar a um branco num ônibus no Alabama (EUA) e por isso foi presa.

O caso de Parks foi usado em favor dos direitos civis dos negros, começando com um boicote aos ônibus de Montgomery, quando cerca de 40 mil usuários negros da cidade e dos arredores, por 381 dias, deixaram de usar o transporte coletivo. Em 1956, a Suprema Corte americana julgou inconstitucional a segregação racial em transportes públicos. (MARTINS, 2020)

O reverendo Martin Luther King, entendendo ser essa uma luta justa a ser lutada, aceitou o convite para liderar o movimento. O Reverendo “queria mudar os corações dos brancos, sim, mas de uma maneira que, em momento algum, pudesse endurecer o coração dos negros que ele estava conduzindo à liberdade” (YANCEY, 2015, p.43). Por esse motivo, tendo como inspiração Mahatma Gandhi, Jesus Cristo e a Bíblia; ele conduziu o movimento para uma luta não violenta. Apesar de ter essa luta vencida, o fim de King foi em assassinato, tornando-o em um mártir da luta negra.

O movimento dos direitos civis fez com que James Cone entendesse sua missão na luta antirracista, o impulsionando a escrever uma teologia negra, como será abordado mais a frente.

2.2 O racismo no Brasil

No Brasil, apesar de o racismo ter início ainda em sua descoberta, quando pessoas negras foram trazidas para cá para a força para explorarem todo o território, é após a abolição que ele “se estrutura como discurso com base nas

⁸ “EMENDA XXVI - Seção 1 - Não pode ser negado ou cerceado pelos Estados Unidos ou qualquer dos Estados o direito dos cidadãos dos Estados Unidos de votar em qualquer eleição primária para Presidente ou Vice-Presidente, para os eleitores do colégio eleitoral do Presidente ou Vice-Presidente, ou para Senador ou Representante no Congresso, em razão de não haver pago qualquer imposto eleitoral, ou algum outro imposto.

Seção 2 - O Congresso terá competência para, mediante legislação adequada, executar este artigo. (COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS DA USP)

teses de inferioridade biológica dos negros, e se difunde no país como matriz para interpretação do desenvolvimento nacional”⁹ (JACCOUD, 2008, p.49).

Pelo fato de "o projeto abolicionista não ser seguido por um processo de inserção dos negros na sociedade republicana", homens e mulheres, pretos e pretas "não conseguiram acessar melhores posições sociais, permanecendo marginalizados" (OLIVEIRA, 2017).

Nesse contexto, a consolidação da visão, de cunho racista, de que o progresso do país só se daria com o "branqueamento", suscitou a adoção de medidas e ações governamentais que findaram por desenhar a exclusão, a desigualdade e a pobreza que se reproduzem no país até os dias atuais. (THEODORO, 2008, p.19)

De acordo com a Revista Veja (2020), no Brasil, 56% da população se identifica como pretos ou pardos, entretanto, percebe-se uma desigualdade abissal ao comparar as posições ocupadas por brancos. “Só 4,7% dos cargos executivos das 500 maiores empresas do país são preenchidos por negros, enquanto eles representam 75% dos mortos pela polícia e 62% dos presos” (VEJA, 2020).

Para explicar dados tão expressivos, é preciso evocar Mbemb (2016) que afirma “se observarmos a partir da perspectiva da escravidão ou da ocupação colonial, morte e liberdade estão irrevogavelmente entrelaçadas” (Mbemb, 2016, p.145).

Ainda que a desigualdade nos dados seja grande, é necessário observar que nem sempre o racismo se manifesta através de políticas segregacionistas, como relatado anteriormente.

No Brasil, por exemplo, ele é mais dissimulado, ocultado pelo mito da “democracia racial”, que facilita sua difusão no tecido social, psicológico, econômico, político e cultura. Essa minimização/negação da existência do racismo dificulta a implementação de políticas públicas eficazes para sua erradicação. (COLETIVO OCARETÉ, 2019, p.20-21).

Vale destacar que no Brasil, o racismo não está associado apenas à cor da pele, mas também à condição financeira. Os efeitos desses racismos fazem com que pessoas negras sofram, não só psicologicamente, mas também

⁹ Esse movimento pós abolição é conhecido como eugenia, que tinha como objetivo “melhorar” a raça humana, com “respaldo na biogenética para excluir negros, imigrantes asiáticos e deficientes de todos os tipos. Assim, apenas os brancos de descendência europeia povoariam o que eles entendiam como ‘nação do futuro’.” (FERREIRA, 2017).

socialmente, pois muitas dessas pessoas são compelidas a dividirem as comunidades que habitam com depósitos de rejeitos perigosos¹⁰.

Em 2016 a BBC News – Brasil divulgou os dados da CPI do Senado sobre o Assassinato de Jovens. De acordo com o relatório, “todo ano, 23.100 jovens negros de 15 a 29 anos são assassinados. São 63 por dia. Um a cada 23 minutos”. Esse numero é reflexo do racismo, confirmando que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, como cantado por Elza Soares ainda em 2002.

Esse impacto se apresenta, também, nas igrejas, principalmente históricas tradicionais. Ao observar os líderes convencionais, percebe-se que são em grande maioria, ainda que involuntariamente, homens brancos.

Esses reflexos estruturais fazem com que muitas pessoas negras apaguem essa identidade racial de suas vidas, violentando seus corpos e mentes pois tomam como marco referencial o branco.

Logo, para que haja uma mudança significativa na sociedade, é preciso que pessoas negras façam parte da construção de estruturas sociais, sem precisarem invalidar suas vivências, pelo contrário, pensando a partir delas.

No Brasil, a liberdade e igualdade também é garantida por lei. No preâmbulo da Constituição Federal Brasileira, essas palavras são destacadas como “valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos”. De acordo com o artigo 5 da Constituição “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”.

Entretanto, mesmo com essas leis promulgadas, muitas instituições, incluindo igrejas, ainda carregaram, um discurso racista. E por esse motivo é preciso uma teologia que aponte para a libertação, como veremos no próximo capítulo.

¹⁰ A noção de Racismo Ambiental surge a partir da constatação de que a maior parte dos riscos ambientais decorrentes da atividade humana recaem, desproporcionalmente, sobre minorias étnicas (COLETIVO OCARETÉ, 2019, p.28). Esse problema está ligado com a deficiência nas políticas ambientais, uma vez que elas existem, mas não são devidamente aplicadas nas “populações de baixa renda, mulheres, povos étnicos tradicionais, operários, extrativistas, geraizeiros (populações tradicionais dos cerrados do norte de Minas Gerais), pescadores, pantaneiros, caiçaras, vazanteiros (povos que têm a vida ligada ao rio), ciganos, pomeranos (povo alemão originário da Pomerânia), comunidades de terreiro, faxinais, negros urbanos, ribeirinhos, indígenas, quilombolas.” (ECYCLE, 2020).

CAPÍTULO 3

A TEOLOGIA NEGRA

*“Nós” só acontecerá quando eu e tu estivermos com a mesma possibilidade de alcance. Quando inúmeras vozes negras tiverem acesso aos púlpitos de pregação, quando negros e negras não servirem apenas para o louvor, estacionamento, cozinha ou portaria. Queremos viver plenamente”
(Ronan Lima)*

O objetivo deste capítulo é apresentar a teologia feita a partir da experiência negra, que tem como organizador James Cone.

3.1 Origem

Antes mesmo de entender a origem da *Teologia Negra*, é preciso lembrar que o objeto de estudo primeiro – a teologia – é “um discurso humano instruído pelas tradições históricas e teológicas, além de ter sido escrito para épocas e lugares específicos” (CONE, 2020, p.35).

Essa afirmação de James Cone no prefácio de sua edição de 1986, da obra *Teologia Negra*, não exclui a afirmação de que a teologia é o estudo da revelação de Deus, pelo contrário, afirma isso delimitando que a teologia não é universal, uma vez que Deus não se revelou da mesma forma à todas as pessoas do passado, nem no presente tempo.

Sabendo dessa afirmação, a teologia surge também para responder questões do tempo em que ela é produzida. A Teologia Negra, por exemplo, tem como um de seus surgimentos em 1960 nos EUA¹¹, em meio ao movimento dos direitos civis e do movimento do Poder Negro. Cone, teólogo considerado o pai da Teologia Negra, juntamente com outras pessoas, questiona “a relação do evangelho de Jesus Cristo com a luta dos negros em busca da justiça nos Estados Unidos” (CONE, 2020, p.35).

¹¹ Anteriormente, alguns clérigos africanos já haviam se juntado para abordarem uma narrativa teologia negra.

Com esse questionamento, Cone tinha um problema a ser pensado, estudado e respondido de forma teológica às pessoas que estavam sofrendo dentro e fora das igrejas sul-estadunidenses.

O aparecimento da teologia negra no cenário estadunidense, portanto, se dá primordialmente pela incapacidade dos religiosos brancos de relacionar o evangelho de Jesus à dor de ser uma pessoa negra em uma sociedade branca racista. Ela surge da necessidade desses indivíduos de se libertarem dos opressores brancos. (CONE, 2020, p.57)

Entretanto, não seria uma tarefa fácil pois teólogos brancos queriam que Cone “discutisse com eles sobre a questão da “teologia negra” se tratar ou não de uma teologia real tomando por base os critérios deles para decidir o assunto” (CONE, 2020, p.37), mas o teólogo se recusava permitir que eles o “intimidassem com sua arrogância intelectual citando pessoas e documentos da tradição teológica do Ocidente” (CONE, 2020, p. 29)

Ainda que pensassem que essa era uma teologia reacionária, Cone juntamente com Gayraud escreve em sua obra *Teologia Negra* (1986)

A teologia negra não é uma reação ingênua, antiintelectual a tudo o que está acontecendo em qualquer momento do tempo – uma mistura de emoção e propaganda piedosa. É, antes, uma leitura séria, prática e apaixonada dos sinais dos tempos, tanto na comunidade branca, como na comunidade negra. É uma elucidação do que compreendemos que Deus está operando em nossa história, particularmente na história de nossa luta contra a opressão racista. (CONE; GAYRAUD, 1986, p.9)

Por causa do discernimento de que a teologia negra era uma elucidação da compreensão que Deus estava, e ainda está operando na história negra, James Cone tinha claro para si

que era necessário um novo começo na teologia, uma nova maneira de fazê-la que surgiria da luta das pessoas negras pela justiça e, de maneira alguma dependeria da aprovação dos doutores brancos em religião. (CONE, 2020, p.38).

Haja vista, “a finalidade central do movimento da Teologia Negra nos Estados Unidos, assim como no Caribe e na África do Sul, não era glorificar a cor da pele negra e promover nova forma de racismo”(CONE; GAYRAUD, 1986, p.168), até porque a Teologia Negra nasce com o intuito de ser uma Teologia da Libertação, e como afirmado por Martin Luther King, “a mudança moral não pode ser alcançada por meios imorais” (YANCEI, 2015, p.43).

Nesse sentido, também afirmam Cone e Gayraud (1986):

mas forçar a crise de identidade que pudesse reavivar na gente negra a fé na sua individualidade histórica como providencial e fortalecer a força espiritual gerada por este senso renovado de um povo diante da vocação de descolonização cultural e de libertação política. (CONE; GAYRAUD, 1986, p.168-169)

O teólogo não foge de sua delimitação de que a teologia é feita para épocas e lugares específicos porque olha para o seu tempo e tenta responder para sua comunidade a pergunta mais importante: qual o papel do evangelho na luta contra o racismo?

3.2 A resposta da Teologia Negra ao racismo

Como dito acima, a Teologia Negra nasceu nos Estados Unidos no auge do Movimento dos Direitos Civis. E para responder à pergunta que permeia essa nova teologia, Cone precisou conceituar, de forma bíblica, o que é o racismo. Assim, ele concluiu que o racismo era uma heresia, e que a exploração das pessoas negras foi o principal problema teológico de seu tempo. Para ele,

o racismo é uma doença que perverte o sentido moral de uma pessoa e distorce a inteligência. Ele se faz presente não apenas na sociedade estadunidense e suas igrejas, mas especificadamente na teologia, afetando sua natureza e seu propósito. (CONE, 2020, p.38)

Essa definição de Cone parte de uma análise feita a partir de sua realidade. Mas ainda era preciso pensar no papel dos teólogos brancos dentro desse conceito. Portanto, James Cone escreve:

Teólogos brancos racistas estão incumbidos de definir a natureza do evangelho e da disciplina responsável por explicá-lo! Que estranho! Eles são os responsáveis pelo mal do racismo também querem dizer às suas vítimas se a intolerância é um assunto legítimo da teologia sistemática. (CONE, 2020, p.38)

Tendo definido essas questões, Cone poderia prosseguir em sua proposta teológica, a libertação do oprimido, pois “a teologia branca estadunidense não se envolveu na luta pela libertação dos negros” (CONE, 2020, p.56), pelo contrário,

Através da história, o pensamento teológico dos brancos estadunidenses tem sido “patriota”, seja pela definição da missão teológica independentemente do sofrimento dos negros (a abordagem liberal do Norte) ou pela definição de cristianismo como compatível com o racismo dos brancos (a abordagem conservadora do Sul). Em ambos os casos, a teologia torna-se servo do Estado e isso só pode significar morte para as pessoas negras. (CONE, 2020, p.56)

Esse posicionamento, observado não apenas por Cone, fez com que muitos irmãos e irmãs negros se afastassem, ou recusassem a conhecer o Cristo que lhes fora apresentado, ao ponto de os dirigentes do Poder Negro afirmarem

Devemos construir nossas próprias comunidades, nas quais os homens sejam realmente irmãos e o bem-estar seja patrimônio realmente comum. O Cristo americano é um Cristo de separação e de egoísmo e de competição implacável por um abismo sem fundo. Não queremos parte com ele. (CONE, 1968, p.49)

Apesar de muitos criticarem esse afastamento ou recusa, pairava o entendimento de que o racismo era diabólico, e quem não se posicionasse contra ele, era a favor dele, pois “não existe lado neutro numa guerra. Mesmo sem falar, alguém é automaticamente identificado como estando do lado opressor” (CONE, 1968, p.140).

3.3 A liberdade do povo negro

Para Cone, a história da bíblia é a história de libertação do oprimido. Ainda no Êxodo Deus olha a aflição do seu povo no Egito, ouve seu clamor por causa dos extratores, e porque conhece o sofrimento deles, Ele desce “afim de livra-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel”¹².

Ao libertar o povo da escravidão do Egito e dar início à aliança com base no acontecimento histórico, Deus revela-se como o Deus dos oprimidos, envolvido na sua história, libertando-os da escravidão humana. (CONE, 2020, p.54)

¹² Gênesis 3.8 NVI

E ao longo de toda a história percebe-se o envolvimento ativo de Deus corrigindo o que os seres humanos têm feito de errado. Nos profetas, a recorrente preocupação de Deus é a falta de justiça social, isso porque Ele não tolera a injustiça; logo, ele defende o injustiçado, se revelando o Deus da libertação para o oprimido. E no Novo Testamento, o tema da libertação é reiterada pelo próprio Jesus, onde, de forma muito clara, cita a profecia de Isaias, afirmando que ela havia se cumprido nele¹³.

Entretanto, “infelizmente, a teologia branca estadunidense não se envolveu na luta pela libertação dos negros” (CONE, 2020, p.56), e por esse motivo nasce a teologia negra, com a missão de

analisar a natureza do evangelho de Jesus Cristo pelo viés das pessoas negras oprimidas e, dessa forma, entenderão o evangelho como sendo inseparável de sua condição humilhante; além de dar à essas pessoas a força necessária para romper as cadeias da opressão. (CONE, 2020, p.56)

Talvez, na tentativa de desvalidar tal proposta teológica, alguém pergunte: “Porque uma teologia negra?”; ou afirme: “Mas Deus não se importa com a cor”, “existem outras pessoas que sofrem tanto quanto ou até mais do que as pessoas negras”. E para responder tais questionamentos e afirmações, Cone escreve

Primeiro, em uma situação de revolução, não pode existir uma teologia apartidária. A teologia é sempre identificada com uma comunidade específica. Ela se identifica com aqueles que infligem opressão ou com aqueles que são vítimas dela. Esta última é a teologia cristã autêntica e a citada primeiro é a teologia do anticristo. [...] Em segundo lugar, em uma sociedade racista Deus nunca é indiferente a cor. Dizer que Deus é indiferente a cor é o mesmo que dizer que Deus não vê a justiça e a injustiça, o certo e o errado, o bem e o mal. [...] Yahweh toma partido [...] Se Deus não se envolve na história da humanidade, então, toda teologia é inútil, e o cristianismo em si é uma zombaria, uma diversão vazia e sem sentido. [...] Em terceiro lugar, existem, sem dúvidas, muitas pessoas que sofrem e nem todas são negras. [...] A teologia negra busca, simplesmente, discernir a ação daquele que é Santo para alcançar o propósito da libertação da humanidade da força da opressão. (CONE, 2020, p.58-59)

¹³ Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaias. Abriu-o e encontrou o lugar onde está escrito: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor". Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele; e ele começou a dizer-lhes: "Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir". (Lucas 4:17-21)

E para concluir esse pensamento, Cone se utiliza de Paul Tillich afirmando que, assim como é necessário símbolos que indiquem as dimensões da realidade que não podem ser faladas de modo literal,

o foco na negritude não significa que apenas as pessoas negras sejam vítimas em uma sociedade racista, mas sim que a que a negritude é um símbolo ontológico e uma realidade visível que melhor descreve o significado da opressão nos Estados Unidos. (CONE, 2020, p.60)

Tendo isso posto, é necessário finalizar esse tópico abordando as fontes e as normas da teologia negra para, então, falar dos impactos de James Cone para se pensar uma teologia negra brasileira.

Para Cone, muitos fatores formam a perspectiva da teologia negra, mas, como enquanto escrevia ainda era um tempo novo para identificar todas as fontes que fazem parte da sua criação, Cone teve como base o que era mais evidente até então.

Em primeiro lugar Cone coloca a experiência negra, que é o ponto de partida de todas as conversas sobre Deus que buscam representar as falas negras. Seres humanos negros falam sobre Deus somente a partir da experiência negra. Ele afirma que

a experiência negra é a fonte da teologia negra porque esta teologia relaciona a revelação bíblica com a situação da população negra nos Estados Unidos. Significa dizer que a teologia não pode falar sobre Deus e sobre o Seu envolvimento nos Estados Unidos contemporâneo sem reconhecer a presença de Deus nos acontecimentos da libertação da comunidade negra. (CONE, 2020, p.84)

No segundo lugar entra a história negra, pois ela “fala sobre como as pessoas negras foram trazidas para os Estados Unidos e o tratamento que receberam aqui” (CONE, 2020, p.84). Através da história, sobretudo da história negra, pode-se descobrir o nível de sordidez que a perversidade humana pode alcançar, principalmente por causa da escravidão. Mas também revelar o poder negro.

E é esta a história que a teologia negra precisa levar em consideração antes de começar a falar sobre Deus e a humanidade negra; pois essa teologia “foca na história do povo negro como fonte para sua interpretação teológica a

respeito da obra de Deus no mundo pois a ação divina é inseparável da história negra” (Cone, 2020, p.85)

Em terceiro, Cone elenca a cultura negra, que “consiste em formas criativas de expressão à medida que reflete a história, suporta a dor e vivência a alegria” (CONE, 2020, p.86). Caso ela seja levada a sério, será possível falar com relevância sobre a condição das pessoas negras.

Na sequência das fontes da teologia negra está a revelação, que não é unicamente um acontecimento passado ou atual, ela “é um acontecimento negro – é o que o povo negro está fazendo em relação à libertação” (CONE, 2020, p.89).

Em quinto, as Escrituras Sagradas, pois a teologia negra

leva em consideração a importância das Escrituras Sagradas no discurso teológico. Não pode existir teologia do evangelho cristão que não leve em consideração o testemunho bíblico. (CONE, 2020, p.90)

Para Cone, ao ler a bíblia, a comunidade pode encontrar o Cristo ressuscitado e, assim, se inspirar para arriscar tudo pela liberdade terrena.

A sexta posição, mas não menos importante, está a tradição, que faz referência à reflexão teológica sobre a igreja em relação à natureza do cristianismo desde a época da igreja primitiva até os dias de hoje. Como Cone mesmo afirma, “é impossível para qualquer estudante do cristianismo ignorar a tradição; o próprio Novo Testamento é resultado dela” (CONE, 2020, p.92).

Como escrito acima, após conhecer as fontes da teologia negra, pode-se falar dos impactos para pensar uma teologia negra brasileira

3.4 Os impactos de James Cone para se pensar uma teologia negra brasileira

Dada a prevalência do racismo na sociedade brasileira, pode-se imaginar a necessidade de desenvolver uma teologia negra que nos convoque a refletir sobre esse fenômeno a partir da teologia bíblica libertadora e preditiva.

Ao analisar todo o contexto vivido por James Cone, e observar o cenário brasileiro, percebe-se uma semelhança, não nos mesmos moldes, mas com a

mesma intensidade, e muitas vezes as igrejas protestantes brasileiras tem-se calado diante disso.

Em seu livro *A Religião Mais Negra do Brasil* (2015) o pastor Marcos Davi de Oliveira afirma

falar sobre segregação racial, racismo e preconceito nas igrejas sempre foi um tabu. Aparentemente, mexer nessas questões é como tocar alguns ferimentos mal cicatrizados, certas mazelas que insistem em incomodar a Igreja brasileira. (DAVI, 2015, p.18)

Esse tabu tem perdurado durante anos, ao ponto de muitas igrejas não só se calarem diante desses assuntos, mas, também tentarem silenciar as vozes de pessoas negras cristãs. E,

é inadmissível silenciar um debate tão relevante dentro da Instituição que está alicerçada principalmente nas regiões mais vulneráveis do nosso país, a Igreja Evangélica está presente nas favelas do Brasil.¹⁴ (SILVA, 2020)

É preciso lembrar que o racismo no Brasil, muitas vezes se dá de forma estrutural, e que, a sociedade precisa estar atenta às falas, brincadeiras e espaços. Entretanto, é preciso também se posicionar contra o racismo, principalmente dentro das igrejas, que como afirmado por Cone (2020, p.59), “Se Deus não se envolve na história da humanidade, então, toda teologia é inútil, e o cristianismo em si é uma zombaria, uma diversão vazia e sem sentido” (CONE, 2020, p. 59).

Porém, a “incapacidade dos religiosos brancos de relacionar o evangelho de Jesus à dor de ser uma pessoa negra em uma sociedade branca racista” (CONE, 2020, p.57), faz com que haja uma necessidade, não só nos Estados Unidos, mas também no Brasil, de se pensar uma teologia negra.

¹⁴ No artigo *Racismo e a Igreja Evangélica: o que dizer sobre os fiéis pobres “encardidos”, “meio sujos”, “moreninhos” e “queimados de sol”?*, publicado por Luana Naiade Oliveira da Silva no Portal Geledés, há críticas às igrejas evangélicas brasileiras, principalmente as instaladas nas periferias, pois muitos líderes se calam diante aos preconceitos raciais, ou até mesmo os praticam de forma explícita, destacando o caso de Rodrigo, até então pastor na Primeira Igreja Batista Calvário em Toledo, quem em 2020, em, *live* ao contar sua história diz: “Na região lá da Pioneira a gente não via loira, né, como a minha esposa, e quando ela veio para o culto, tipo, destacou porque, tudo, um pessoal assim, mais classe pobre, mais moreninho, meio encardido, sujo. Quando eu vi, eu pensei: essa daí é da zona mais nobre da cidade”. (SILVA,2020)

Para Ronilso Pacheco (2019),

é infrutífera uma Teologia Negra produzida no Brasil, que se possa levar a sério, sem que recorra ou busque dialogar com aqueles e aquelas que nos ajudaram a pensar o Brasil a partir de negros e negras. (PACHECO, 2019, p.142)

Ao afirmar isso, Pacheco (2019) não exclui a proposta teológica de Cone, mas, sim, aponta o mesmo argumento dele, pensar a partir do povo em questão. Assim, se faz necessário observar e ouvir a experiência negra, sua história, cultura, revelação divina, as Escrituras Sagradas e a tradição, pois, apesar de ser contextos diferentes, tanto o povo negro dos Estados Unidos, quanto do Brasil, sofreram – e ainda sofrem –, e precisam ouvir o evangelho da libertação para os oprimidos.

Pensar uma nova forma teológica requer disposição e coragem, principalmente quando se trata de uma ferida da Igreja Brasileira. Pacheco (2019), na conclusão de seu livro Teologia Negra – O sopro antirracista do Espírito, questiona

Qual seria a recepção no Brasil a uma frase que afirmasse que o fim do racismo aqui não aconteceria enquanto a igreja branca existisse? Reconhecer-se-ia a própria igreja branca como tal? Seria possível entender a “igreja branca” não como os “brancos” que estão na igreja, mas como um modelo de igreja que foi construída com padrões determinados de teologia, de construção de referências de vida cristã, e de formas de conceber a Bíblia, Deus e a fé? Que “igreja branca” deveria deixar de existir?¹⁵ (PACHECO, 2019, p.162-163)

Apesar de o movimento evangélico se mostrar crescente no Brasil, ainda há muito para se fazer em relação aos oprimidos, pois ao contrário do que muitos pensam, é papel da Igreja de Cristo cuidar daqueles que não são cuidados, como Cristo afirma no evangelho de Mateus:

"Quando o Filho do homem vier em sua glória, com todos os anjos, assentar-se-á em seu trono na glória celestial. Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes. E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. "Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: 'Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo. Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui

¹⁵ Esses questionamentos de Pacheco surgem a partir da fala de Cornel West, que no velório de James Cone bradou “O racismo nos Estados Unidos não acaba enquanto a igreja branca existir”, e foi aplaudido por quase todos aqueles presentes, menos por Ronilso que, ficou pensando e reverberando o impacto dessa frase. Segundo ele, ao voltar para o Brasil, essa frase também voltou com ele e a única coisa que pensava é que ali a frase tinha sentido por causa do contexto, mas, “como seria dizer tal frase, no interior de uma igreja, seja qual for, no Brasil” (PACHECO, 2019, p. 162), era a sua questão.

estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram'. "Então os justos lhe responderão: 'Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos, ou necessitado de roupas e te vestimos? Quando te vimos enfermo ou preso e fomos te visitar?' "O Rei responderá: 'Digo-lhes a verdade: o que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram'. (Mateus 25.31-40)

Seria injusto dizer que todas as igrejas, ou cristãos não se importam com a causa dos oprimidos. No Rio de Janeiro, a ONG Rio de Paz tem lutado contra a opressão, cuidado dos necessitados e abraçado as famílias que choram, enlutadas pela perda dos seus, ou de sua dignidade. Mas, ainda assim, muitas vezes é criticada por seu posicionamento, sendo considerado mais político do que cristão. E há também o Movimento Negro Evangélico, o coletivo O que tem no Brasil¹⁶, a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, e muitos outros que tem se colocado à frente da luta antirracista no Brasil.

Por isso é necessário se fazer uma teologia negra no contexto das igrejas brasileiras, não apenas para tentar extirpar o racismo, mas para “um embate frente a frente com a capilaridade da desigualdade, da injustiça e da opressão, onde o racismo também se encontra a partir da igreja” (PACHECO, 2020, 163)

¹⁶ O coletivo O que tem no Brasil é um projeto antirracista que se dispõe em ampliar a visibilidade da negritude na igreja brasileira. É formado por 7 jovens negros que entenderam seu chamado dentro da luta antirracista. A diversidade intelectual dentro do coletivo faz com que o alcance e ação na sociedade seja múltiplo. O projeto surgiu em 2020 e tem atuado principalmente nas redes sociais, pelo período que vive, mas tem como intenção a ação nas igrejas e cidades em que cada integrante faz parte.

CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho foi o de mostrar que a Igreja necessita combater o racismo dentro de suas estruturas, uma vez que essa luta faz parte de sua responsabilidade social. Objetivou-se ainda, apresentar, através de uma revisão de literatura, uma outra forma de fazer teologia, que é a partir de uma Teologia Negra.

O primeiro capítulo apresentou definições do termo racismo ao longo da história. O segundo capítulo abordou, de forma concisa, a história e os impactos do preconceito racial, tanto nos Estados Unidos, quanto no Brasil. O terceiro capítulo apresentou a Teologia Negra e os impactos para se pensar uma teologia negra brasileira.

A hipótese de que há necessidade de pensar uma teologia negra no Brasil para que ela esteja próxima às vivências brasileiras, e ao mesmo tempo se apropriar de colaborações teológicas que são nossas, foi respondida considerando o contexto brasileiro, tanto dentro quanto fora das igrejas, uma vez que os reflexos estruturais não se dissociam nesses ambientes.

Nesse sentido, foi preciso, por parte do autor dessa monografia, entender o contexto de James Cone, ao organizar a teologia negra, para compreender as necessidades do povo brasileiro e, então construir algo a partir dessa reflexão.

Como proposição, esse trabalho apresenta algumas contribuições com objetivo de ampliar horizontes.

A primeira consiste em reconhecer o contexto brasileiro dos oprimidos e marginalizados pela sociedade. Esse reconhecimento contextual se faz necessário uma vez que, somente a partir dele será possível lutar contra a opressão.

A segunda contribuição parte da necessidade de se repensar as relações sociais, principalmente entre igreja e sociedade. Nesse repensar, se criará a consciência de visibilizar as narrativas negras principalmente dentro dos espaços de fé. E, conseqüentemente, haverá espaços não só para pessoas brancas ou não negras, mas sim para todos, sem que haja uma tentativa de diminuição das dores uns dos outros.

A terceira contribuição aponta um possível caminho para uma decolonização teológica, a partir, não só das vivências negras, mas de oprimidos, construindo, assim, uma teologia negra brasileira; e nesse caminho há uma latente necessidade em se apresentar o Deus libertador, que se importa com a dor do oprimido e convida a igreja a se importar também.

Com isso, há de se perceber que a teologia negra se levanta não como uma teologia para uma raça, mas sim contra a opressão, na tentativa de ouvir e entender os que sofrem, e, também, lutar a partir do evangelho, contra essa estrutura pecaminosa.

Ela também se propõe a convidar os cristãos a se posicionarem de forma bíblica na luta antirracista, pois quem não se posiciona contra o racismo, ainda que não fale, é automaticamente identificado com o lado opressor.

Por fim, a teologia negra ainda traz como resposta à opressão, principalmente racial, a necessidade de ser uma teologia bíblica, pois, é desse ponto que se poderá lutar de forma correta.

Nesse sentido, este trabalho está aberto a novos desenvolvimentos com a esperança de que a partir de um novo pensar teológico haja justiça, igualdade e liberdade à humanidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural: Feminismos Plurais*. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2019. 232 p. v. 1. eBook Kindle 232p.

Bíblia Sagrada Presente de Batismo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2015.

COLETIVO OCARETE; LIMA, Emanuel Fonseca; SANTOS, Fernanda Fernandes dos; NAKASHIMA, Henry Albert Yukio; TEDESCHI, Losandro Antonio (ed.). *Ensaio sobre racismos: pensamentos de fronteira*. São Paulo: Balão Editorial, 2019. 255 p. v. 1. eBook Kindle 255p.

CONE, James H. *Teologia negra*. São Paulo: Recriar, 2020. 244 p. v. 1.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acessado em: 21 mai. 2021

Declaração Doutrinária da CBB. Disponível em: <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22>. Acessado em: 25 mai. de 2021.

DUARTE, Fernando. Ku Klux Klan: ascensão, queda e atual sobrevivência da mais radical sociedade de ódio americana. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/ku-klux-klan-ascensao-queda-e-atual-sobrevivencia-da-mais-radical-sociedade-de-odio-americana/>>. Acessado em: 26 mai. de 2021.

GALARRAGA, Naiara. Laurentino Gomes: infelizmente, a história da escravidão é contada por pessoas brancas. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/19/politica/1574203693_074968.html>. Acessado em: 22 nov. de 2019

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil: edição crítica - 80 anos [1936-2016]*. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 471 p. v. 1. eBook Kindle 471p.

JACCOUD, Luciana; OSÓRIO, Rafael; SOARES, Serguei. *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição*. 2. Ed. Brasília: Ipea, 2008. 176 p. V. 1.

OLIVEIRA, Cinthya. 5 verdades e mitos sobre a abolição da escravatura no Brasil. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/5-verdades-e-mitos-sobre-a-abolição-da-escravatura-no-brasil-1.464282>>. Acessado em: 26 mai. de 2021.

OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?*. 1. ed. Viçosa: Ultimato, 2018. 136 p. v. 1.

Organização de Igrejas - documentos Batistas. Disponível em: <<http://www.convencaobatista.com.br/sig/modulos/site/comunicacao/uploads/documentoDownloadSite/organizacaoigrejas.pdf>>. Acessado em: 25 mai. de 2021

PACHECO, Ronilso. *Teologia negra: o sopro antirracista*. Brasília: Novos diálogos, 2019. 172 p. v. 1.

Pesquisa exclusiva: 61% dos brasileiros acham que o país é racista. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/pesquisa-exclusiva-61-dos-brasileiros-acham-que-o-pais-e-racista/>>. Acessado em: 26 mai. de 2021

RANGEL, Ricardo. As contradições da luta contra o racismo nos Estados Unidos. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/as-contradicoes-na-luta-contra-o-racismo-no-estados-unidos/>>. Acessado em: 16 set. 2020.

SILVA, Luanda Naiade Oliveira da. Racismo e a igreja evangélica: o que dizer sobre os fiéis pobres “encardidos”, “meio sujos”, “moreninhos” e “queimados de sol”? Disponível em: <https://www.geledes.org.br/racismo-e-a-igreja-evangelica-o-que-dizer-sobre-os-fieis-pobres-encardidos-meio-sujos-moreninhos-e-queimados-de-sol/?gclid=CjwKCAiA1aiMBhAUEiwACw25MeHsnfBcMqoYadDtzBC75n3Zsib-zl2SW_GPz6xlyLIHudHcMboJWRoCNV4QAvD_BwE>. Acessado em: 16 out. de 2021.

WILMORE, Gayraud S.; CONE, James H. *Teologia negra*. São Paulo: Paulinas, 1986. 568 p. v. 1.

YANCEY, Philip. *Alma sobrevivente: Sou cristão, apesar da igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2015. 439 p. v. 1. eBook Kindle 439 p.